

---

## Estética da Repressão na Série Televisiva *O Conto de Aia*

Yanic Diener BRAGA<sup>1</sup>  
Universidade Católica de Brasília, DF

### RESUMO

A série *O Conto de Aia*, exibida pela Hulu é uma narrativa seriada distópica que mostra uma sociedade teocrática e totalitária que exerce total controle sobre as mulheres. Este artigo analisou a primeira temporada da série e tem como objetivo identificar os aspectos visuais da construção da estética da repressão na narrativa e analisar como a visualidade serve de apoio à história ao tornar os sistemas de repressão às mulheres identificáveis a partir do uso das cores, do figurino, da montagem e da composição das imagens. Além disso, fez-se uma análise das intersecções entre as práticas de repressão sofrida pelas mulheres na série e na contemporaneidade. Por fim, buscou-se identificar como esses elementos se relacionam para a criação de uma estética da repressão a partir dos conceitos de gênero e biopoder que se articulam dentro do sistema de moda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conto de Aia; Ficção Seriada; Estética da Repressão; Distopia.

### INTRODUÇÃO

As narrativas seriadas estadunidenses definem um momento de mudança no panorama da televisão dos anos 1980, quando as obras começaram a ser produzidas dentro de gêneros específicos e direcionadas a públicos diversificados, em vez de séries massificadas como era feito até então. A popularização das séries televisivas a partir dos anos 2000 se deu devido à ampliação de formas de produção e consumo, com a disseminação da banda larga e popularização do *streaming*, pela reconfiguração dos modelos narrativos clássicos e pelo grande engajamento devido ao aspecto transmidiático de consumo dessas séries (SILVA, 2014). A partir da década de 2010 observa-se a criação de narrativas seriadas televisivas originais de serviços digitais de *streaming*, *Netflix*, *Amazon* e *Hulu*, o que criou uma reestruturação do campo social da produção das séries, com novas possibilidades de distribuição de conteúdo para a audiência e maior concorrência (SANTOS, 2019).

Apesar do grande sucesso das séries americanas na primeira década, as produções produzidas, dirigidas e protagonizadas por mulheres ainda é minoria. Segundo análise feita pelo *Center For The Study Of Womem In Television & Film* no período de 2017 a 2018, por exemplo, grande parte do elenco das séries televisivas (68%) são homens, e personagens femininas são mais suscetíveis a exercerem papéis como dona de casa ou esposa. Neste mesmo período foi

---

<sup>1</sup> Publicitária, fotógrafa e pesquisadora. Docente da Universidade Católica de Brasília, mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade de Brasília, yanicbraga@gmail.com.

observado que mulheres representavam apenas 27% de criadoras, diretoras, escritoras, produtora entre outras funções de atrás das câmeras.<sup>2</sup> Esses números são ainda menores nos anos anteriores.

*The Handmaid's Tale* (2017), *O Conto de Aia* é uma série televisiva baseada no romance homônimo da escritora canadense Margaret Atwood, lançado em 1985. A primeira temporada foi lançada em 2017 e teve repercussão positiva entre a crítica<sup>3</sup>: recebeu o prêmio Globo de Ouro de melhor série dramática de TV, prêmio de Emmy de Melhor Série Dramática e outros prêmios para o elenco em sua primeira temporada. A segunda temporada, lançada em 2018, foi premiada pelo Globo de Ouro também como Melhor Série Dramática e como Melhor Atuação de Atriz em Série Televisa, e ganhou mais uma série de *Emmy's*.

*O Conto de Aia* ganhou relevância especial por ter sido lançada no ano de eleição do presidente americano Donald Trump e em meio às discussões anteriores ao ano de eleição no Brasil, em 2018, quando questões sobre direitos reprodutivos das mulheres e liberdades individuais voltaram à pauta. No Brasil e em outros países, a vestimenta das aias se tornou simbólica e foi utilizada por ativistas em protestos de pautas feministas (Figura 1), evidenciando, assim, o papel político da arte enquanto meio de instigar discussões e de atentar aos possíveis caminhos da sociedade.

**Figura 1** - Protesto pela descriminalização do aborto em Brasília



Fonte: G1. Disponível em: <http://tiny.cc/sls08y>. Acesso em: 04 mar. 2018.

O sucesso das séries televisivas norte-americanas se deu por uma série de fatores que envolvem repetição, familiaridade e um jogo de verossimilhança e estímulo, que, com frequência, refletem valores dos indivíduos e se mostram críticos à sociedade (JOST, 2012).

<sup>2</sup> Disponível em: <https://tinyurl.com/y4jqa2o4>. Acesso: 2 dez. 2018.

<sup>3</sup> Segundo o site Metacritic, que computa notas de críticos de 0 a 100, a série recebeu nota 92/100. Fonte: <https://tinyurl.com/y6lpodn9>. Acesso: 20 dez. 2018.

---

Para Silva (2014) a cultura das séries se deu essencialmente por três condições centrais: pelas formas narrativas, pelo contexto tecnológico em que nos inserimos e pela maneira como passamos a consumir as séries. Nesse sentido, a série analisada é de grande relevância, pois além de ter uma estrutura narrativa seriada complexa, também tem influência simbólica no dia-a-dia dos espectadores, uma vez que principalmente as vestimentas das aias se tornam instrumentos de protesto. Neste artigo faz-se a análise das visualidades criadas para construir a estética repressão por meio da montagem, da representação visual das personagens por meio de seu figurino e da ritualização da vida a partir da identificação dos elementos visuais de estratificação social por meio do conceito de biopoder (FOUCAULT, 2018) e representação de gênero (BUTLER, 2019; LARETIS, 2014).

### UMA BREVE SINOPSE

Margaret Atwood (2006) em seu livro *O Conto de Aia* desenhou uma distopia nos Estados Unidos que viveu uma realidade apocalíptica em que a taxa de natalidade despencou devido à poluição. Como resposta à crise aconteceu um golpe de estado e um novo governo tomou o poder, criando um país dominado pelo totalitarismo e pela teocracia denominado *Gilead*. Neste novo regime, as mulheres perderam seus direitos sociais e civis e são divididas em classes de acordo com suas funções em relação aos homens; esses são divididos por sua posição de poder e função na manutenção do Estado. Acompanhou-se a história em primeira pessoa pela ótica de Offred, June Osborn. Ela é uma aia, cuja função é a reprodução: ela fornece o filho da família.

As distopias são narrativas que podem servir de alerta ou crítica sobre os aspectos negativos de uma sociedade, e até que ponto eles podem ir. A distopia trabalha com continuidade da história presente, ao contrário da utopia que constrói “um hiato (insanável) entre a história real e o espaço reservado para as projeções utópicas” (BERRIEL, 2005, p.2). Assim, a realidade representada tem suas características negativas ampliadas.

As adaptações do livro de Atwood para a série televisiva se deram na contextualização da narrativa na contemporaneidade: o livro é de 1985, mas na série há utilização de tecnologia moderna de comunicação pelos personagens, como computadores e celulares. A segunda temporada foi lançada em 2018 e a terceira em 2019. Elas dão sequência à história do livro,

---

mas são de roteiro original, ultrapassando e expandindo o livro.<sup>4</sup> Existe uma adaptação cinematográfica do livro, porém o foco foi à série televisa.

A protagonista é June Osborn (Elisabeth Moss), que é capturada ao tentar fugir para o Canadá com seu marido e filha. June exercia uma profissão, tinha controle de suas finanças e de sua sexualidade, e teve direitos retirados na instauração de estado totalitário. June e sua filha são capturadas por Gilead e seu marido consegue escapar para o Canadá. Ela é separada de sua filha, cujo paradeiro é desconhecido, e passa por um treinamento forçado para aprender novos costumes e se transformar em aia, cuja função é gerar os filhos dos comandantes, homens de alto poder no Estado e chefes de família. Ela é encaminhada para servir a uma nova família, os Waterford, que têm Fred Waterford como patriarca, e é renomeada Offred, “*Of Fred*”.

Acompanhou-se na série a história de June nesta nova vida, que vive sob constante vigília. Ela não pode falar livremente, não pode olhar diretamente nos olhos de seus superiores e todo mês passa por um evento de concepção junto ao Comandante e a Esposa que consiste em um estupro ritualizado. A série tem dois tempos, o passado e o presente, que mostram sua vida antes de Gilead e seu o processo de submissão durante o treinamento como aia em relação ao tempo presente de June, enquanto Offred.

### ***UNDER HIS EYE: VISUALIZAÇÃO DA DIVISÃO SOCIAL DE GILEAD***

A instauração de Gilead, um governo autoritário e teocrático por meio da violência tem como premissa o declínio da taxa de natalidade e de fertilidade por conta da devastação ambiental. Gilead teria como função solucionar o problema reprodutivo pela reorganização da sociedade feita por meio do total controle e repressão das pessoas pela aplicação de uma rígida hierarquização social, da constante vigilância e da repressão pela violência. Esse sistema tem como base uma série de rituais religiosos que intermediam as relações entre as pessoas. O conceito de biopoder de Foucault (2018) permeia o enredo, uma vez que Gilead tem práticas de intervenção e controle da saúde de sua população, sendo essas ações baseadas essencialmente na retirada dos direitos das mulheres e sua total submissão social. Os corpos são disciplinados, administrados e controlados, e o Estado passa a controlar a estrutura familiar, o trabalho, o acesso a bens e serviços, além de instituir novos tratos sociais.

---

<sup>4</sup> Margaret Atwood anunciou que uma sequência do livro será lançada em setembro de 2019. Fonte: <https://tinyurl.com/yxfjzbfb>. Acesso em 10 jan. 2019.

A narrativa religiosa funciona como aporte para as restrições e controles exercidos na população. A nova religião é ensinada à força para aqueles que são inseridos no Estado e reforça o controle da reprodução, assim como justifica as estratégias de intervenção sobre a existência coletiva e guia as formas de atuação sob si mesmo. Ainda que a religião de Gilead não seja inteiramente discutida durante a primeira temporada da série, a retórica religiosa permeia todas as ações e práticas sociais. Frases como “Louvado seja o fruto”, “Sob Seu olho”, “Que o senhor abra”; “Abençoado seja” são usadas como saudação, e pela repetição reforçam o poder do Estado. A religião também determina a hierarquização social e a posição de cada indivíduo em relação ao seu dever social (Figura 2). Nesse sentido, as vestimentas dos habitantes de Gilead são parte integrante da manutenção e controle social. A estratificação se apoia também na estética dos rituais, portanto, cores, gestos, tipos de roupas tem importância na manutenção do status de cada habitante. Esta divisão garante que cada indivíduo entenda a posição ocupada na sociedade e as roupas exercem função primária de identificação.



Fonte: Elaboração pela autora.

Em Gilead, as vestimentas vão de encontro com os valores da pós-modernidade em que os corpos são hipervalorizados e expostos, onde se vestir não serve mais a uma função de proteção, mas sim como uma manifestação de individualidade e pertencimento (LIPOVETSKY, 2004). Barthes (1979) entende que os códigos de moda têm sentido não pela repetição e sim pela diferença: as roupas compõem a linguagem visual, a moda manifesta valores e os indivíduos criam sentido em sua estética. A socialização dos corpos dos indivíduos pelas roupas manifesta a sua individualidade em relação ao ambiente (SANTAELLA, 2004), assim, quando há a uniformização das vestimentas, há também o impedimento de que os indivíduos demonstrem quem eles são e o que eles pensam, o que reforça a ideia de uma sociedade totalitária. As vestimentas se tornam ferramenta e símbolo de um sistema de poder no qual elas não somente são uma representação do status social de cada indivíduo, mas também

<sup>5</sup> Esta estrutura é identificada na primeira temporada, a partir da segunda temporada novos papéis são adicionados.

são uma forma de comunicação e expressão dos valores daquela sociedade. Nesse sentido, as roupas utilizadas em Gilead se tornam instrumentos de apagamento da individualidade.

As vestimentas das mulheres, em específico, tem mais variedade do que as dos homens. Os homens são divididos em Comandantes, Olhos e Guardiões, eles se vestem de preto e costumam estar de terno, e exercem funções de gestão e de repressão. Todos os outros aspectos da sociedade são realizados pelas mulheres, que, por sua vez, são divididas entre Esposas – mulheres dos comandantes, Tias – treinadoras das aias, Marthas – empregadas domésticas, Aias – mulheres férteis, Jezebéis – prostitutas, e Não-mulheres – opositoras ao regime. As suas vestimentas as identificam de acordo com sua função: a Esposa veste azul, a Aia, vermelho, a Martha, verde/ocre e a Tia, marrom (Figura 3). Os trajes são modestos, os cabelos sempre presos ou escondidos, no caso da Aia e da Martha, e a maior parte de seus corpos está coberto por roupas. Importante ressaltar que essa classificação também diferencia as mulheres dentro da família, e a única que tem algum tipo de valor neste sistema é a Esposa.

**Figura 3** – Da esquerda para direita: Esposa, Comandante, Aia, Olho, Martha e Tia



Fonte: *Printscreen* do episódio 9 da primeira temporada.

As cores das vestimentas, além de identificação, reforçam a binariedade social, evidenciando a diferença entre masculino e feminino. A cor enquanto informação desempenha papel de reforço de signos e constroem os códigos culturais (GUIMARÃES, 2004). O vermelho é associado historicamente ao fogo e ao sangue, assim como também à divindade e à vida; em contraste, há associações do vermelho ao pecado e ao proibido, o que também a vincula à proibição. Todos esses aspectos constroem o arquétipo da aia enquanto incubadora; ela é propriedade do comandante, é intocada e proibida ao olhar dos outros. O verde e o ocre, as cores das Marthas e das tias, estão em oposição à cor da Aia, são cores que denotam equilíbrio e paz indicando o apagamento da importância destas mulheres enquanto indivíduos, elas são constantemente mescladas ao cenário; elas são engrenagens. O azul, por sua vez, que é a cor

comumente associada à sobriedade e à sofisticação, além de ter associações à santidade, não por acaso é designado às vestimentas das Esposas, as mulheres mais dignas desta sociedade.

A partir desta divisão social visual a repressão é reforçada, uma vez que não há possibilidade das mulheres se encontrarem fora das estruturas pré-determinadas, o que dificulta reuniões, comícios e a mais simples conversa. Além disso, os trajes das mulheres são vestidos longos que deixam somente as mãos e o rosto à mostra, reforçando a ideia de modéstia e virtuosidade, ideais que remetem aos valores da época vitoriana dos países europeus e americanos (WOLF, 1992). As vestimentas das aias, em particular são muito semelhantes às vestimentas das órfãs holandesas (Figura 4) e remetem à uma lógica puritana em que as mulheres têm que se vestir de maneira simples, sem ornamentos.

**Figura 4** - Orphan Girls Going to Church, Nicolaas van der Waay (1900-1930)



Fonte: Wikipédia. Disponível em: <https://tinyurl.com/y43a3fmx>. Acesso em: 1 jun. 2019.

O controle dos corpos, pelo biopoder, se dá nos diversos níveis institucionais e na hierarquização social, e tem nas vestimentas um de seus elementos de repressão simbólica e funcional. O poder de gerar e manter a vida se desloca das mulheres para um Estado gerido por homens que exercem o poder totalizante por meio da retirada da individualidade.

### ***BLESSED BE THE FRUIT: EM BUSCA DE UM OLHAR FEMININO***

O olhar masculino no cinema ao longo da história traz uma visão da mulher que é *fetichizador*. Ela é colocada em cena na posição de objeto sexual a ser apreciado, e o espectador, na condição de *voyeur*, tem seu olhar conduzido pela estrutura narrativa, pelo enquadramento de câmera e pela edição e linguagem empregadas (MULVEY, 1983). Essa perspectiva diz respeito à construção das narrativas do cinema, mas pode ser transposta também para os outros produtos audiovisuais.

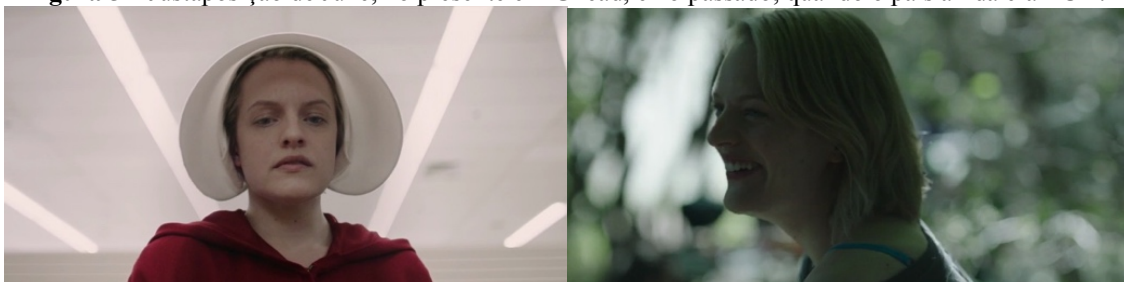
A série *Handmaid's Tale* tem o desafio de ter uma protagonista mulher, em uma história cujo roteiro é adaptado de um livro de uma escritora que fala sobre a condição da mulher em uma sociedade que não a trata como cidadã (HANDMAIDS TALE, 2017). A série, ainda que não espelhe a realidade, é um instrumento de compreensão simbólica da realidade (JOST, 2012). Por isso, a tentativa da criação de um olhar feminino tem grande importância, uma vez que uma história contada por homens sobre mulheres pode colocar o espectador na posição que Mulvey (1983) observa, a de *voyeur* e reprodutor de um olhar masculino *fetichizador*.

Uma estratégia para tentar criar um olhar feminino foi desenvolver a narrativa pela perspectiva pessoal da protagonista; não sabemos o que os outros personagens pensam, somente o que June pensa. A narração em *off* de June ancora o espectador no presente, e o passado é mostrado como *flashbacks*, assim, ainda que alguns episódios mostrem a vida de outros personagens que orbitam June, a narrativa é construída principalmente a partir do seu olhar, pelas suas experiências e pelo contraste entre o seu passado e o seu presente.

O conflito primário da série se dá na relação de June, enquanto cativa, com a sua posição imposta de aia. O contraste entre sua vida presente e a vida passada é mostrado em dois tempos e dois espaços. O primeiro tempo é o presente, em que June nos conduz pelo seu cotidiano como uma aia na família Waterford. O segundo tempo é o passado, mostrado por *flashbacks* de eventos da vida de June antes da implementação de Gilead, que são interpolados em seu presente.

Esses dois tempos são caracterizados pela analepse externa, conforme definido por Genette (1980), recurso usado quando há uma volta ao passado do início da projeção em uma narrativa. Os *flashbacks* de June são de grande importância, porque não só nos guiam por momentos banais de sua vida, como situações de seu casamento e dia a dia com sua filha e amigos, o que cria empatia e identificação pela personagem pela verossimilhança com a nossa sociedade atual, mas também constroem um plano de fundo da narrativa, mostrando como a sociedade totalitária é instaurada.

**Figura 5** – Justaposição de June, no presente em Gilead, e no passado, quando o país ainda era EUA.



Fonte: *Printscreen* da série.



---

Esses dois tempos são criados essencialmente pela imagem visual e pela montagem. June do presente, em Gilead, (Figura 5) tem todo seu corpo coberto por uma grande massa de tecido vermelho e um grande chapéu branco, numa espécie de antolhos, que esconde seu cabelo e a impede de olhar a sua volta; a câmera não está na altura de seus olhos, se posiciona de baixo para cima, em plano *plongé* e em plano próximo; as cores das cenas são amareladas e todo o cenário é neutro, sem excessos. A June do passado sorri, está em ambientes abertos e não controlados; seu cabelo está solto e vemos seu ombro parcialmente desnudo; as cenas são abertas, e o cenário comumente tem natureza e pessoas com roupas comuns, sem uniforme. A interpolação visual entre passado e presente de June contribui para aumentar a sensação de controle e tensão de Gilead. A montagem cumpre a função ideológica (MARTIN, 2005), no sentido em que busca evidenciar mudanças de tempo, de causa e consequência.

A justaposição do tempo vivido pela protagonista e seu presente acentuam os elementos visuais que constroem estética da repressão de Gilead. A vestimenta, a relação livre entre os personagens, a ritualização das práticas sociais e total controle dos indivíduos é demonstrado por meio do caráter realista das imagens e também pelo caráter ideológico e ético da narrativa, criados pela montagem e pelos elementos visuais.

Esses recursos buscam dar sentido à narrativa pelo reconhecimento do espectador com as imagens, uma vez que o sentido das imagens é criado pelo contexto fílmico e também pelo contexto mental do espectador (MARTIN, 2005). Assim, os *flashbacks* aproximam o espectador e criam elipses de estrutura que vão sendo preenchidas ao longo dos episódios. Os *flashbacks* evidenciam as diferenças entre as estruturas de poder e do lugar da mulher na sociedade patriarcal. É desta maneira que o ponto de vista June enquanto protagonista e vítima desta sociedade são construídos.

### **MAY THE LORD OPEN: INTERSECÇÕES COM A REALIDADE**

*O Conto de Aia* é uma narrativa distópica, pois se baseia essencialmente em fatos que acontecem separadamente em diversas sociedades do mundo, sendo a ampliação negativa dessas situações. A maternidade é um tema central uma vez que a crise de fecundidade é a principal justificativa na tomada dos EUA e a instituição de Gilead. June é uma mulher fértil, e por isso a tornam uma aia. Em Gilead, a maternidade é considerada uma condição biológica da mulher e também uma condição social, uma vez que as experiências de engravidar, dar à luz e amamentar são alinhadas com as regras rígidas.

---

A maternidade compulsória é presente na atual sociedade e é exercida pela restrição ao acesso ao aborto legal e políticas efetivas de planejamento familiar no Brasil, por exemplo<sup>6</sup>. Em Gilead, mais do que o destino biológico da mulher, a maternidade restringe e mobiliza todas as atividades sociais das mulheres uma vez que esta imposição é o que garantiria o futuro das gerações. Butler (2019) entendeu este tipo de restrição e uniformização da maternidade como uma maneira de restringir a mulher ao espaço doméstico, diminuindo seu poder. Assim, a questão não está somente no corpo, mas também nas narrativas e nos sentidos sociais construídos e atribuídos a ele, e nas práticas que restringem o controle da mulher sobre si. É a partir do controle da maternidade, e por consequência das mulheres, que decorre a estruturação do estado repressor em Gilead.

As representações de gênero têm grande importância em Gilead, uma vez que a perda de identidade e a uniformização das pessoas servem para construir o sistema de representação visual dessa sociedade. Para Lauretis (1994) o gênero é uma representação e uma construção social, e a construção do gênero também se faz por meio da definição do que não é o gênero.

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais (LAURETIS, 1994, p.211).

A moda, neste sentido, age como um meio de diferenciação entre homens e mulheres. O vestuário masculino vai de encontro aos signos de sedução, futilidade e superficialidade associado historicamente ao vestuário feminino (LIPOVESTSKY, 2004). Na narrativa essa diferenciação é visível e ritualizada e faz referência a práticas existentes no mundo contemporâneo, assim, as vestimentas dos personagens são de fundamental relevância na construção da visualidade de opressão das mulheres da narrativa e na diferenciação entre homens e mulheres. Atwood (2006) se inspirou em uma viagem feita ao Afeganistão em 1978, quando viu mulheres usando o véu islâmico, hoje de uso obrigatório, para a descrição das roupas.<sup>7</sup>

As práticas sexuais também são controladas por meio de sua ritualização. Comandante e Esposa têm uma relação não-sexual, e as aias, reduzidas à receptáculo, passam mensalmente por um ritual de concepção que consiste em um estupro assistido e apoiado pela Esposa (Figura 6). A composição simbólica dessas práticas sexuais coloca a aia entre o Comandante e a Esposa,

---

<sup>6</sup> Ver: <https://tinyurl.com/y4xyrnu4>. Acesso: 1 fev. 2019.

<sup>7</sup> Fonte: <<https://tinyurl.com/yyqftwsm>>. Acesso: 1 mar. 2019

reduzindo seu significado ao de meio para a reprodução, a aia é posiciona como objeto na cena, (MARTIN, 2005), ela é um vetor, não um indivíduo, pois é este o seu dever social.

**Figura 6 - Ritual de concepção**



Fonte: *Printscreen* da série.

As variações de identidade de gênero e a orientação sexual divergente da heterossexualidade são consideradas traição de gênero e crimes passíveis de punição física ou morte. No episódio 3, “Late”, Emily, uma das aias, é condenada pelo crime de “traição de gênero”<sup>8</sup> e é sentenciada à mutilação genital, uma prática considerada atualmente uma violação dos direitos humanos, e que ainda hoje é combatida pela Organização Mundial da Saúde.

A manutenção de poder é mais importante do que a reprodução; os homens, mesmo podendo ser inférteis, não perdem seu *status* social e poder, e as mulheres consideradas inférteis ou dissidentes de alguma maneira do sistema são enviadas às colônias para realizarem trabalhos forçados. Por fim, o sexo e o controle dos corpos se dá pela criação de regras das práticas sexuais e dos corpos, pela homogeneização do poder e pela anulação da mulher enquanto indivíduo. O biopoder é observado aqui como essa configuração de sociedade que busca a preservação da vida a qualquer custo e total policiamento de qualquer situação que possa servir de ameaça à sua manutenção. A manutenção deste sistema exige a passividade das mulheres e o reforço da subserviência feminina, por isso os rituais de socialização e a uniformização dos tratos sociais. Nesse sentido, o estupro e o apagamento da identidade das mulheres nos tempos pré-Gilead é uma das formas de sobrepujar a mulher.

---

<sup>8</sup> Termo associado aos que não se enquadram como heterossexuais cisgêneros.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se analisar como foram construídos os elementos visuais da estética da repressão da série *O Conto de Aia* e suas correlações com a contemporaneidade. Identificou-se os elementos visuais que compõem a narrativa e os recursos utilizados para criar o contraste entre o tempo presente e o passado na montagem da obra. Entendeu-se que estética da repressão é construída pela expressão do biopoder na hierarquização da sociedade que se apoia na composição visual da história pela criação dos figurinos e tem na narração e nos *flashbacks* recursos que aportam a história na contemporaneidade.

Ainda que as estruturas de repressão descritas na narrativa não existam concomitantemente em nenhuma sociedade atual, elas são encontradas fragmentadas por diversos países do mundo. A representação de gênero, o controle da maternidade, da vestimenta, a mutilação genital, falta de acesso à educação, limitação monetária, são formas de submissão e de controle das mulheres e de diminuição da sua importância e devem ser discutidas também nas produções culturais. Constatou-se que a visualidade tem fundamental importância na construção da estética e que ela potencializa a expressão do biopoder.

A montagem, por meio das analepses, cria o contraste entre os tempos da narrativa e o figurino funciona como índice de função das personagens. Ainda que a divisão social dos indivíduos pelas cores possa ser entendida como uma estratégia de criar choque e exacerbar as visualidades da sociedade repressora, os vestuários enquanto signo de hierarquia e condição social são provenientes de um sistema de moda que existe tradicionalmente na nossa sociedade (LIPOVESTKY, 2009). Nesse sentido, a série traz problematizações pertinentes à contemporaneidade e promove uma reflexão sobre as práticas normatizantes da expressão de feminilidade e masculinidade e como elas podem ser subvertidas ao ponto de se tornarem práticas de repressão.

Ademais, a série tem mais temporadas que ultrapassam a obra literária e constroem com mais nitidez as estruturas sociais de Gilead. O conceito de biopoder e os desdobramentos na biopolítica, conceito não trabalhado neste artigo, podem ser observados nestas outras temporadas e carecem de análise mais profunda. Além disso, a vigilância e a imposição de regimes disciplinares são aspectos relevantes na narrativa que também podem ser trabalhados com mais atenção. Considerando a sua grande repercussão e o papel da cultura de séries na contemporaneidade, entende-se que *O conto de aia* tem grande relevância enquanto narrativa distópica que busca mostrar um possível futuro.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATWOOD, M. **O conto da aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BARTHES, R. **O sistema da moda**. São Paulo: EDUSP, 1979.
- BERRIEL, C. E. O. Utopia, distopia e história. In: **Revista MORUS –Utopia e Renascimento**. Campinas, n. 2, 2005, p. 4-10.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, 1980.
- GUIMARÃES, L. **A cor como informação a construção biofísica, lingüística e cultural da simbiologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2004.
- HANDMAIDS TALE, The. (Temporada 1) [Seriado]. Direção: Mike Barker, Kari Skogland, Reed Morano, Kate Dennis, Floria Sigsmondi. Canadá: Hulu, 2017. Streaming, cor. 10 episódios.
- JOST, F. **Do que as séries americanas são sintomas?** Traduzido por Elisabeth B. Duarte e Vanessa Curvello. Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.
- LAURETIS, T. “A tecnologia do gênero”. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarola, 2004.
- MARTIN, M. A linguagem cinematográfica; trad. **Lauro António**. Lisboa: **Dinalivro**, 2005.
- MULVEY, L. (1983) Prazer visual e cinema narrativo. Trad. João Luiz Vieira. In: XAVIER, I. **A experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 437-454.
- SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTOS, M. B. **A Netflix no Campo de Produção de Séries Televisivas e a Construção Narrativa de Arrested Development**. 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28509>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- SILVA, M. V. B. **Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 241-252, jun. 2014.

---

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de como beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.